O Senhor Krishna vê a lua

Recontado por Eesha Sardesai

Já estava anoitecendo e o céu sobre a vila de Gokul estava ficando azul bem escuro – uma capa de seda que ia cobrindo os céus. As estrelas estavam saindo de trás daquela cortina; aqui e ali dava para vê-las, brilhantes e reluzentes. O ar estava perfumado como jasmim.

No interior de uma das casas, uma jovem mãe estava sentada observando seu filhinho correndo pela sala.

— Krishna — disse Yashoda, a mãe, com a cabeça estava levemente inclinada enquanto o observava com olhar afetuoso. — O que você está fazendo?

Krishna estava espiando dentro de um pote de argila grande, um daqueles que sua mãe usava para fazer manteiga. Quando não encontrou nada de interessante ali, foi até uma mesa próxima onde havia uma pequena flauta de madeira. Ele a pegou, examinou por um instante e em seguida colocou de volta. E continuou olhando ao redor da sala.

— O que foi Krishna? — Yashoda perguntou.

— Eu quero brincar — disse ele. — Mas brincar de que?

— Vamos ver — disse Yashoda, levantando-se. — Que tal um desses?

Ela abriu a porta de um armário, onde havia uma variedade de brinquedos de todas as formas, cores e tamanhos.

— Hummm — disse Krishna observando as opções. Ele mordiscou os lábios.

— Espere aqui — disse Yashoda. — Vou ver o que posso encontrar na outra sala.

Conforme Yashoda saiu para procurar outros brinquedos, Krishna continuou investigando, pegando algumas coisas aqui e ali e colocando de volta. Estava ocupado mexendo no tapete, brincando com sua borda decorada quando sentiu algo: uma brisa suave, fresca e perfumada tocando sua pele.

Olhou na direção da janela que estava aberta. A brisa criava pequenas ondulações no tecido fino que Yashoda tinha fixado na frente da janela. Ele chegou mais perto.

— Krishna! — A voz de sua mãe veio flutuando da sala ao lado. — Olhe isso!

Yashoda apareceu na porta. Em suas mãos trazia alguns pedaços de corda, tecidos e outras miudezas com que Krishna poderia brincar.

Só que a sala estava vazia! Yashoda olhou ao redor espantada, e um leve franzido surgiu entre suas sobrancelhas. Para onde Krishna poderia ter ido agora?

Então ela viu o contorno de um certo alguém atrás da cortina, suas perninhas aparecendo por baixo do fino tecido branco. Yashoda sorriu e caminhou até a janela. Ela puxou a cortina e estava prestes a dizer algo, quando, de repente, parou.

Ali estava seu filho, seu Krishna, olhando fixamente para fora, seu rosto tomado por ternura – uma ternura tão doce que quase não parecia ser deste mundo. Seus olhos estavam claros e brilhantes, e plenos de anseio.

Ele se virou para a mãe com aqueles mesmos olhos enormes. Sem dizer palavra, apontou para o céu. E lá, absolutamente deslumbrante sobre o fundo azul escuro, estava a lua. Ela estava cheia, de um branco róseo, as constelações em sua superfície brilhavam como uma filigrana feita de diamante.

— Por favor —disse Krishna. — Eu quero brincar com a lua.

— A lua? —Yashoda perguntou.

— Sim, a lua. Você vai trazê-la para mim?

— Eu não sei se consigo trazê-la aqui, Krishna – disse ela com doçura.

— Mas eu quero brincar com ela.

Havia tanta inocência, tanto anseio puro na voz de Krishna que Yashoda podia sentir seu coração se derretendo, ali mesmo, na hora.

— Eu sei— ela disse. — Mas a lua está bem longe, lá no alto do céu. E nós estamos aqui, em nossa casa.

— Por que a lua não pode estar aqui com a gente? Em nossa casa?

— Bem, podemos ficar olhando para ela daqui de casa, não podemos?

Krishna olhou novamente para fora. Seus lábios começaram a tremer.

— Mamãe! — disse ele. Agora seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Por favor, *por favor*, eu quero brincar com a lua. Eu *preciso* brincar com ela. Você não pode trazer ela aqui?

Yashoda arrumou um cachinho no cabelo de Krishna.

— Que tal um dos brinquedos que já temos aqui? Eles não são a lua, mas você ainda gosta de brincar com eles.

— Não. Eu quero a lua.

Então Krishna começou a chorar copiosamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto como rios. Ele se virou para olhar a lua novamente. O lamento de seu choro ecoou pelo silêncio da noite.

Yashoda tentava desesperadamente encontrar uma solução. Conforme seu filho chorava, seu próprio coração doía. Como iria consolá-lo? Como traria a lua para ele?

Enquanto se fazia essas perguntas, Yashoda viu, pelo canto do olho, um pedaço de metal brilhante do outro lado da sala. Ele refletia uma parte de seu sari. Ela se levantou do banco ao lado do peitoril da janela e foi olhar mais de perto.

O metal era na verdade, uma bacia – rasa e redonda, de um tom prateado e brilhante. Um sorriso se abriu no rosto de Yashoda quando viu aquilo. Ela pegou a bacia e levou para a cozinha.

Retornou pouco depois, e, pé ante pé, foi até onde seu filho ainda estava chorando, ao lado da janela.

— Krishna — ela disse. — Olhe o que eu trouxe para você.

Os soluços pararam de pronto. Krishna virou-se para a mãe, enxugando o rosto com o dorso da mão.

— Viu? — disse Yashoda. — É a lua!

Então estendeu a bacia que segurava nas mãos. Ela havia enchido de água, e a superfície da água estava perfeitamente quieta e calma. Bem no centro dela, num reflexo vivido, estava a lua.

Krishna olhou para aquela lua, maravilhado. Enfiou um dedinho na água e depois outro; de repente a lua virou uma névoa de ondas, antes de se juntar e se acomodar novamente. Encantado, Krishna gargalhou e então enfiou a mão inteira.

Yashoda observava enquanto ele brincava. Lá estava a lua, do lado de fora, irradiando alegria para dentro. Lá estava a lua, do lado de dentro, luminosa através da água. E lá estava o seu filho, envolto na auréola luminosa do luar, ou talvez no seu brilho próprio – era difícil dizer.

Há tanta luz, pensou Yashoda.

© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.